

“ANÁLISE DO “HOMEM” COMO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA EM ECONOMIA RECENTE: UMA VISÃO FOUCAULTIANA”

Em anos recentes os desenvolvimentos da Economia Comportamental (Behavioral Economics) têm desafiado os pressupostos básicos sobre o comportamento do agente econômico. Desde a segunda metade do século passado, tal comportamento é analisado predominantemente de duas maneiras (Mas Collé, 1995): ou impõem-se axiomas de racionalidade sobre como um indivíduo faz escolhas ou então se parte diretamente do comportamento observado do indivíduo e impõem-se restrições de consistência sobre esse comportamento (é a abordagem da preferência revelada, de Samuelson). De uma forma ou de outra, estas hipóteses supõem agentes atomizados e capazes de ordenar racionalmente cestas de bens segundo preferências que são exógenas ao meio social e cultural em que se desenvolviam esses agentes.

Experimentos como os de Bowles et al. (2005) mostram, contudo, que no estudo de diversas culturas diferentes espalhadas por todo o globo *nenhuma* se comporta segundo os axiomas de racionalidade utilizados pela teoria convencional. O que se verifica na prática é que as escolhas dos indivíduos mudam segundo os códigos da cultura e da sociedade em que vivem. Levar em conta tais fatos seria um importante passo para que a ciência econômica elaborasse modelos que se assemelhassem mais à realidade comportamental dos agentes econômicos.

Mais ainda: as preferências individuais evoluíram também segundo critérios de aptidão genética (*fitness*), de forma que grupos de indivíduos que desenvolveram certos tipos de preferências tenderiam a predominar com relação a outros grupos. Ou seja, o desenvolvimento de preferências sociais – isto é, que dependem do comportamento dos outros indivíduos -- seria concomitante a uma maior aptidão de grupamentos humanos que possuem tais preferências. Desta forma, não apenas as preferências se desenvolvem, mas se desenvolvem segundo evolução que é genética e cultural (*gene-culture coevolution*; ver Gintis (2006)).

O que se propõe a analisar aqui é como essas novas idéias correspondem a um descentramento na noção de um sujeito único e indivisível, centrado sobre um *self* capaz de racionalmente tomar decisões independentes do meio externo, seja social ou biológico. O

“homem racional”, filho do Iluminismo e peça central da análise econômica predominante a partir da segunda metade do século XX encontra sinais de enfraquecimento.

Este enfraquecimento encontra ressonância na reflexão que Michel Foucault (1999 [1966], 2005 [1969]) faz sobre a origem das ciências humanas e sua possível desapareição quando o “homem”, como objeto científico corre risco de sumir do mapa do saber ocidental.

Em suma, a pergunta básica desta proposta é: como podemos hoje analisar a idéia de Foucault sobre o desaparecimento do “homem” como objeto científico em conjunto com as mudanças que a Economia Comportamental propõe para estudo do agente econômico? Como estudar hoje as mudanças na noção de “homem” das ciências humanas (e particularmente da Economia) sobre o comportamento do indivíduo sob a ótica de “As Palavras e as Coisas”, mais de 40 anos depois de sua publicação?

Mais especificamente, o artigo usará o arcabouço metodológico e a análise arqueológica de Foucault (1999 [1966], 2005 [1969]) do “homem” como objeto de investigação científica para estudar as implicações da proposta de Gintis (2006) de unificação das ciências do comportamento sob o modelo BPC (*beliefs, preferences and constraints*). Este modelo é característico da Economia, e é caracterizado pela hipótese de que o comportamento dos agentes econômicos pode ser modelado por uma função de utilidade a ser maximizada, sujeita a restrições de natureza material e informacional. A novidade é que este tipo de função (generalizada agora como uma função de maximização da *aptidão* e não mais simplesmente de utilidade) é hoje utilizado não apenas para o comportamento humano, *mas também para o de outras espécies de seres vivos*. Do mesmo modo, argumentos de natureza social também são incorporados nessa função de utilidade, confirmando que o velho sujeito isolado, atomizado e não-social é um objeto que provavelmente não mais caracterizará em breve os modelos econômicos. Por fim, analisar-se-á como outras disciplinas humanas (como a Antropologia) lidam com o comportamento humano e sua relação com a sociedade, sublinhando seus pontos de convergência e divergência com a Economia. Com isto, espera-se compreender como o projeto de unificação das ciências sob a égide do modelo BPC modifica a própria idéia de “ser humano” como objeto científico.

